

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15360 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03/GT 06/GT 14/GT 17/GT 18 - Movimentos Sociais, Filosofia, Sociologia, Educação Popular e EJA

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO ENSINO DA EJA MÉDIO CAMPO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA: AVANÇOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR ESPECÍFICA QUILOMBOLA.

Lucila Leal da Costa Araújo - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Sérgio Roberto Moraes Corrêa - UEPA - Universidade do Estado do Pará

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO ENSINO DA EJA MÉDIO CAMPO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA: AVANÇOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR ESPECÍFICA QUILOMBOLA.

RESUMO: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Que abordou uma temática em educação do campo, saberes ancestrais, educação quilombola e currículo na Amazônia. Com base nesse recorte, levantou-se a seguinte questão: Quais os avanços e limites da prática curricular do ensino da EJA Médio Campo no tocante ao reconhecimento dos saberes e modos de vida da comunidade quilombola Moju Miri? É uma pesquisa qualitativa com abordagem participante. Em conclusão, a comunidade anseia por uma educação específica quilombola, no entanto, este desejo ainda está como palco de lutas e discussões. Pensamos, ser, uma escola, onde a sala de aula seja o próprio quilombo, e não somente uma estrutura presente no território, mas um espaço aquilombado pelas ancestralidades, culturas, políticas, saberes, fazeres. Então, o currículo também ainda precisa ser aquilombado.

Palavras-Chaves: EJAI; Educação Escolar Quilombola; Saberes.

INTRODUÇÃO

A região amazônica é marcada por sua vastidão territorial, sobretudo, de uma rica e complexa diversidade biológica e sociocultural. Nela, existe a presença de numerosos povos do campo, das águas e das florestas, cada um detentor de modos de vida muito particulares, com suas próprias tradições e saberes ancestrais e que se ressignificam, de forma tensa e conflitiva, em processo de modernização que vivemos. Entre as margens dos rios e a exuberância da floresta Amazônica, estão os territórios quilombolas onde a riqueza da natureza se entrelaça com a cultura e a história deste povo. Apesar dessa riqueza sociocultural presente nesses povos, eles enfrentam historicamente o problema da invisibilidade e da falta de reconhecimento de suas culturas e tradições, marcas de um passado moderno-colonial que

não deixam de interpelar nosso presente e obstaculizar o futuro.

No que tange a educação quilombola, estes povos anseiam por uma educação escolar específica quilombola, que apesar de serem atendidos por programas, como por exemplo, o Ensino EJA Médio Campo que atende a comunidade em questão neste texto, que, apesar do programa trazer inovações de ensino ainda não contempla as especificidades do povo quilombola, porém, traz contribuição de uma perspectiva intercultural para este debate de implementar uma educação escolar específica quilombola.

Antes de entrarmos no contexto do ensino EJA Médio Campo, trazemos ao debate a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, essa nomenclatura, EJAI, será utilizada por nós na tessitura deste texto. Esta modalidade de ensino que segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, o público da EJAI no Art. 37 são “[...] aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996) ao passo que a educação e aprendizagem, para esta modalidade, se concretiza ao longo da vida, tomando todas as dimensões humanas, sociais, políticas e históricas das pluralidades.

Paulo Freire, grande intelectual e educador brasileiro, que ficou conhecido pela riqueza de sua formulação teórico-metodológica de educação humanista e libertadora, também, tem grandes contribuições para se reinventar a EJAI numa perspectiva crítica e emancipatória (1987, 2001). Os/as estudantes, da EJAI, são sujeitos das classes populares: alunos/as que abandonaram a escola por diversos fatores de ordem social, econômica e até mesmo do próprio sistema educacional, por muitas vezes trabalhar com propostas e métodos descontextualizados da realidade, meramente(neo)funcionalistas. Estes sujeitos carregam consigo marcas de inferioridade, que foram marginalizados por um sistema eurocêntrico. No entanto, eles possuem saberes que trazem de suas práticas cotidianas, de suas lidas diárias, são saberes que são excluídos dentro da escola, não fazem nenhuma relação com a prática pedagógica, mas, podem relacionar, dialogar com os saberes escolares e dar a eles uma maneira outras de enxergar o mundo.

O programa de ensino EJA Médio Campo é uma política pública do governo do estado do Pará. É fruto de um conjunto de lutas e de reivindicações dos movimentos sociais do campo, por meio do fórum Paraense de Educação do campo, das águas e da floresta. A proposta curricular do ensino da EJA Médio Campo vai de acordo com a Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica para atender alunos na modalidade EJAI que são remanescentes de quilombos e escolas que atendem esses alunos.

As propostas educativas de EJA na Educação Escolar Quilombola deverão ser realizadas numa perspectiva de formação ampla, favorecendo também o desenvolvimento de uma Educação Profissional que possibilite aos jovens, aos adultos e aos idosos quilombolas atuarem nas atividades socioeconômicas e culturais de suas comunidades com vistas ao fortalecimento do protagonismo quilombola e da sustentabilidade de seus territórios. (Brasil, 2013. P. 455)

O currículo trabalhado fundamenta-se na articulação dos saberes da escolarização geral, considerando o alcance das habilidades e competências das diretrizes curriculares da Educação de Jovens, Adultos e Idosos os da qualificação social e profissional, visando uma aprendizagem significativa e coerente face às especificidades do campo e comunidades tradicionais. Contudo, para executar este ensino dentro das comunidades, muitos desafios são encontrados, como: infraestruturas das escolas, transporte, formação continuada para professores/as, alimentação escolar entre outros.

Os desafios da formação docente se voltam também para as universidades que recebem uma diversidade de povos amazônicos. A importância da formação desses docentes para produzir conhecimento (muito além de receber conhecimento) nessa perspectiva da diversidade de saberes que estes povos possuem e que marca o mundo (GOMES, 2012), e que vem sendo ao longo do tempo negada e invisibilizado, precisa de formações e investimentos contínuos na sua área de atuação, além de ser urgente e preciso descolonizar a matriz curricular na graduação e pós-graduação (em seus diversos cursos e áreas de conhecimento), que ainda é muito orientada por um modelo hegemônico eurocêntrico e neoliberal.

Embora exista esses impasses encontrados nos passos do programa, mesmo assim ainda encontramos motivos para celebrar os avanços e impulsos para a continuidade. Para tanto, busca-se possibilidade de oportunizar novas discussões no que tange ao enriquecimento da produção científica, ampliando os estudos desenvolvidos através das diferentes práticas e saberes experienciais de alunos/as quilombolas da EJAI, de modo a contribuir na construção de uma educação escolar quilombola tendo como base a interculturalidade crítica uma proposta de ensino que reconheça e represente os saberes e modos de vidas das comunidades tradicionais/quilombolas amazônicas/brasileiras.

Dentro desse contexto sobre comunidades quilombolas Amazônicas está o quilombo de Moju Miri que foi o lócus da pesquisa, localizado às margens do rio Moju, no município de Moju-Pa. Moju Miri é marcado pela especificidade do bioma amazônico, destaca-se pela convivência com os rios e igarapés; com a floresta e com a área de terra firme, forjando múltiplos saberes e processos de trabalho de base familiar e de subsistência. O cultivo do açaí é uma das principais fontes de alimentação e de renda da comunidade. A plantação de mandioca, também, é uma outra atividade muito forte na comunidade, assim como, é a pesca artesanal, que compõem esse complexo modo de vida dessas comunidades quilombolas amazônicas, revelando uma Amazônia com várias amazônias (Porto-Gonçalves, 2005) e, entre outras diversas experiências educativas refletidas nesses modos de vida e em suas lutas por direito, território e dignidade (Hage, Autor, 2011; 2019).

A instituição escolar brasileira, histórica e hegemonicamente, além de muitas vezes contribuir para esse apagamento e silenciamento dessa educação, que ocorre e que se faz em suas *margens*, edifica e reforça muros eurocêtricos (materiais e simbólicos), que reproduzem e intensificam desigualdades sociais e étnico-raciais, Autor (2020). Por isso, pesquisar o campo do currículo escolar na sociedade brasileira, em particular nas margens amazônicas,

exige um exercício de análise crítica da educação escolar no tocante ao desafio do reconhecimento e afirmação da comunidade escolar quilombola como dimensão relevante e estruturante de constituição de uma sociedade e educação democráticas.

Nos territórios quilombolas, os conhecimentos reunidos ao longo dos anos são verdadeiros legados transmitidos por griôs, principalmente por meio da oralidade, da experimentação, do saber-fazer com as plantas medicinais, da vivência, dos relatos, das memórias entre outros. Sob essa perspectiva, é importante ressaltar, como sustentam Arroyo (2012) e Brandão (2001), que essas populações educam por meio de suas lutas pela vida. Assim, esses saberes necessitam de pesquisas, atenção e valorização por parte das ciências e dos centros acadêmicos como meio de reconhecimento da vida e referências culturais.

Dito isto, para essa reunião científica, buscamos fazer um recorte da pesquisa para apresentar os resultados apontados, mediante a problemática já anunciada no resumo deste texto. Analisamos os avanços e limites da prática curricular do ensino da EJA-Campo em relação ao reconhecimento dos saberes e modos de vida da comunidade, assim como, a sinalização que esses saberes que emergem no cotidiano dessas pessoas e também os saberes ancestrais apontam para fortalecer o diálogo por uma educação escolar quilombola.

MÉTODO

Apresentando o direcionamento metodológico, utilizamos da pesquisa qualitativa que para Minayo (2008), possibilita responder a questões singulares ao trabalhar com os inúmeros significados e conflitos das relações humanas, considerando toda a historicidade de cada contexto. Abordagem é participante por compreender que estamos compartilhando resultados de uma pesquisa onde estávamos inseridos enquanto ação/participante, assim, estamos socializando as ações realizadas. Utilizamos de alguns teóricos que foram trabalhados na pesquisa de mestrado, como: Arroyo (2012), Gomes (2012), Freire (1987), Hage (2020, 2019), Autor (2020,2019,2011), Santos (2007).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O resultado do estudo aqui apresentado, se propôs a compreender e analisar o currículo escolar que é desenvolvido/materializado em comunidades quilombolas, em particular no quilombo de Moju Miri, no município de Moju-Pa, que buscou verificar se os conteúdos trabalhados, por meio do Programa EJA-Campo, levam em consideração os saberes ancestrais dos educandos/as da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) e as relações étnico-raciais, considerando suas experiências e afirmações de pertencimento de seus territórios na Amazônia . Com base nisto, investiguei a temática do currículo tendo como discussão central os saberes e experiências dos/as alunos/as da EJA Médio Campo e a proposta curricular deste programa que trouxe elementos sugestivos para construção de um currículo intercultural crítico para que venha contribuir na defesa de uma implementação de educação escolar específica quilombola.

Assim, ao utilizar uma frase de um material didático pedagógico “Porongando práticas

antirracistas em escolas quilombolas” isso nos interpela e nos envolve, ao deixar dito que “Quando uma escola está em um quilombo, o quilombo é a sala de aula da escola” (Belém; Fergueira; Carvalho, 2022). Pensamos, ser, essa escola, não somente uma estrutura presente no território, mas um espaço aquilombado pelas ancestralidades, culturas, políticas, saberes, fazeres. Então, o currículo também ainda precisa ser aquilombado.

CONCLUSÃO

Reexistir por uma educação escolar específica quilombola envolve, portanto, um processo de empoderamento das comunidades, reafirmação de identidades, reconhecimento de território, resistência frente às injustiças históricas e de inviabilização, assim, promove a diversidade cultural. Reexistir e existir frente as lutas por políticas públicas afirmativas e ações que visam à garantia desse direito por uma educação diferenciada para estes povos quilombolas, para que estes possam fortalecer ainda mais sua identidade e cultura através de uma educação escolar que considere suas tradições, saberes, histórias e realidades específicas. Aos passos concluintes desta pesquisa, consideramos que os alunos e alunas anseiam um currículo escolar específico para o quilombo. Um currículo ligado à história e memória quilombola e ao contexto dessas comunidades. Este ainda é um sonho que caminha de forma lenta e sustentado pelo suor da resistência.

Assim, compreendemos que a relevância deste tema se dá na possibilidade de oportunizar novas discussões no que tange ao enriquecimento da produção científica, ampliando os estudos desenvolvidos através das diferentes práticas e saberes experienciais de alunos/as quilombolas da EJAI, de modo a contribuir na construção de um currículo que reconhece e represente os saberes e modos de vidas das comunidades quilombolas amazônicas/brasileiras.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Autor,..

BRANDÃO, C. R. **Educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, C. R. (1998). **Participar-pesquisar**. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). Repensando a pesquisa participante. 3 ed. São Paulo: Brasiliense

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 374-415. BRASIL.

Autor,; HAGE, Salomão M **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais**. REVISTA NERA – ANO 14, No. 18 – JANEIRO/JUNHO DE 2011 – ISSN: 1806-6755

Autor; HAGE, Salomão A.M **EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA: análise a partir dos Movimentos Sociais**. RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol. IV, no 07, p. 123-142, jul.-dez./2019

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 e 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** : saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação** . Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, N. L. **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

HAGE, Salomão M et al. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais**. Revista NERA (UNESP), n.18, p. 79-105, 2011.

HAGE, Salomão M et al. **EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA**: análise a partir dos Movimentos Sociais. RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol. IV, nº 07, p. 123-142, jul.-dez./2019.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Amazônia, Amazônias** . 2^a.ed. São Paulo: Contexto, 2005.